

# máquinas de ler

Renata Moreira Marquez

publicado na revista AR. ISSN 1806-7700. Coronel Fabriciano,  
UnilesteMG, v.1, 2004, p.40-45.

Estudar história no curso de arquitetura e urbanismo já foi perigoso. Antes de tornar-se autônoma no século XVIII, a disciplina era bastante pragmática: tratados clássicos e memoriais descritivos medievais para dirigir, como num roteiro de filme, as boas construções. Ao teorizar sobre si mesma, o fazer história ganha a dimensão da filosofia da arte e lança-se numa miríade de possibilidades. É quando nasce a estética, em 1735, como nova disciplina inventada para repensar procedimentos e resultados, transpondo a razão freqüentemente legitimada pela mitologia e pela religião para a razão fundada na faculdade crítica do homem. Mas nesse contexto, salvas as exceções das imagens inéditas e visionárias de Etienne-Louis Boullée (1728-1799) e Claude-Nicolas-Louis Ledoux (1736-1806), os historicismos “cosméticos” disseminavam-se na arquitetura e na arte européia irrompendo no século XIX: neogótico, neoclássico, neobarroco, neo-renascentista.

ar.1  
40

A liberdade e a razão crítica eram em princípio exercitadas na seleção, distribuição e aplicação dos modelos já **EN - 10 | 67 | 70** consagrados do passado às funções e novas demandas daquele século. Como então a história tornou-se uma espécie de ameaça, e para quem? A vida moderna inundava, sem metáforas, a cidade do século XIX: luz elétrica, trens, automóveis, fotografia, cinema, avião, elevador... O ritmo do cotidiano acelerava-se irreversivelmente e as jornadas de trabalho nas fábricas setorizavam a vida em funções estanques no triunfo, tão retratado pelo cinema, das máquinas musculares-motoras. Em pleno início do século XX, justamente quando estava sendo usada como caminho fácil e rápido para as belas formas, o ensino da história da arte e da arquitetura para os futuros arquitetos torna-se um perigo para aqueles que vislumbravam dias mais criativos, necessários à adequação do espaço projetado à violenta mudança nos hábitos e nos sentidos. Adolf Loos (1870-1933) escreve em 1908 o seu famoso e controverso texto “Ornamento e crime” e arquitetos como Le Corbusier (1887-1965) e Walter Gropius (1883-1969) têm a inteligência de enxergar em tempo real a nova poesia diária do modernismo, assumindo os instrumentos e ferramentas cotidianas como fruto de raciocínios potencialmente arquitetônicos.

Gropius não incluiu o ensino da história no currículo da Escola Bauhaus, pelo menos nos primeiros anos. Os alunos dessa escola laboratório para a prática da “novarquitectura” contentavam-se voluntariamente com a imprevisibilidade inerente à experimentação. O caráter de laboratório conferido à escola a distinguiu do academicismo da Escola de Belas Artes e a lançava como o primeiro espaço para a prática do ensino e desenvolvimento das vanguardas artísticas. “Novos edifícios devem ser descobertos, não imitados.” (GROPIUS, 1997: 112). Para Gropius, estudar história seria por demais tentador para aqueles jovens arquitetos, que poderiam se deixar levar pelas maravilhas das regras e dos resultados garantidos. Em vez disso, a escola tentava livrar-se do caminho fácil das belas artes e possibilitar aos alunos um processo criativo experimental que pudesse, com o tempo, gerar novas formas, novos espaços, novos objetos, colocando em jogo dinâmico o conceito de beleza.

“Como podemos esperar que nossa juventude se torne corajosa e direta em seu modo de agir, se a enterramos em esquifes sentimentais, onde lhes é mostrada uma cultura que já desapareceu há muito tempo?” (GROPIUS, 1997: 111)

ar.1  
41

Apesar de dever à arquitetura moderna quase tudo que habitamos hoje - banalizado, claro está, pela mercantilização radical do espaço e das “promenades arquiteturais” - recolocamos a questão: qual seria a função da disciplina, para que estudamos história no curso de arquitetura?

## **EN - 81 | 85 | 90**

A proposta da micro-história enquanto investigação transversal de histórias nos abre uma fresta de dinamismo na poeirenta linearidade histórica. Para além de um desejo de erudição ou cultura geral, a história pode ser muito mais desafiante e até mesmo funcionar como território de raciocínio e identificação de maneira muito mais presente do que se pode imaginar. Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna, num texto intitulado “Corpo e história”, estudamos história para entender o que somos hoje:

“... a história não diz respeito somente às questões políticas. E estas deixaram de se referir exclusivamente ao funcionamento do Estado e às ações governamentais. A história tornou-se assim um dos campos privilegiados para o estudo da constituição do homem enquanto sujeito de si, da produção da subjetividade enquanto processo ao mesmo tempo cultural e político, que se transforma no curso do tempo e varia de acordo com as sociedades.” (SANT’ANNA, 1996: 243)

Sant’Anna traz à tona detalhes do cotidiano de outras épocas, o que até os anos de 1970 não constituíam uma estratégia muito comum no campo dos historiadores. Quando lemos os textos da autora, várias coisas fazem sentido para nós hoje, justamente porque o ponto de partida dela, ou seja, o lugar e o tempo da enunciação e do questionamento, consiste no homem atual e a sua subjetividade, ou seja: nós mesmos. Encontramos facilmente eco de eventos históricos nos nossos hábitos, nos nossos medos, nas nossas mídias.

Richard Sennett, por sua vez, sugere em seu livro “Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental”, que podemos estudar história para descobrir onde as coisas começaram a dar errado para nós hoje: quando nasceu a exacerbação do individualismo e da passividade corporal do século XXI? Para o autor, o corpo humano encobre um caleidoscópio de épocas, uma divisão de sexos e raças, ocupando um espaço característico nas cidades do passado e nas atuais:

“...o que pretendo explorar é o abismo entre o passado e o presente. A geografia da cidade moderna, assim como a tecnologia mais avançada, põem em relevo problemas já estratificados na sociedade ocidental, ao imaginar espaços alternativos em que um corpo humano poderia estar atento a outros. A tela do computador e as ilhas de periferia são conseqüências espaciais de problemas não resolvidos anteriormente nas ruas e praças das cidades, nas igrejas e prefeituras, nas casas e pátios onde as pessoas se reuniam ...” (SENNETT, 1997: 24)

Se essas identificações de fato acontecem enquanto estudamos Roma e o seu marketing de cidade cenário, Paris medieval e a crise do homem ao mesmo tempo cristão e comerciante – como lucrar e praticar a caridade ao mesmo tempo? - ou mesmo Atenas e sua indissociação corpo e mente, podemos perceber criticamente um pouco da nossa atual decadência, fragilidade e futilidade política, econômica ou fisiculturista. Mas não é preciso ser tão pessimista e fixar-nos no *personal trainer* esvaziando o estilo peripatético dos filósofos gregos. Basta lembrar também que a vida simplesmente seria um caos sem os nossos robzinhos domésticos, disfarçados de máquinas musculares-motoras elétricas, como bem salientou Lúcia Santaella em seu texto “O homem e as máquinas”. Liquidificadores, batedeiras de bolo, automóveis e elevadores não passam de máquinas-robôs que

“sobrevivem até hoje sob múltiplas aparências, não estando, nem de longe, confinadas nas fábricas, nas indústrias. Infelizmente, a similaridade entre homem e máquina é tomada muito ao pé da letra, o que impede o reconhecimento das multidões de robôs musculares que tomam conta do nosso cotidiano..” (SANTAELLA, 1997:35)

Pode tornar-se um deslocamento eficaz quando, a partir de uma problematização atual, vamos investigar algum ponto longínquo no tempo e no espaço e desvelamos qual o conceito de corpo – e portanto de ser humano – habitava tal mundo. Descobrimo o contexto de surgimento de um pouco de nós voltamos transformados, capazes de estranhar o nosso próprio mundo e portanto, assumir uma postura crítica frente às coisas, amenizando o hábito e a monotonia.

## **EN - 97 | 101 | 107**

Por que não dividir a história da arte a partir das suas lógicas de produção de imagens, como sugeriu Paul Virilio, em vez de períodos amarrados no tempo e na sua uniformização de estilos, sempre falha? É uma organização bastante convincente pensar na era da lógica formal (pintura, desenho, gravura, escultura), na era da lógica dialética (fotografia e cinema) e finalmente na era da lógica paradoxal (meio digital) como situações técnicas que produziram – e, o que é mais importante – ainda produzem subjetividades e sociabilidades, fazendo girar as plataformas de sentido.

Essas são as referências básicas que tecem o fio que conduz a disciplina de História 2 do CAU UnilesteMG. Procuramos desenvolver uma estratégia de estudo e análise dos fatos históricos em conexão direta e crítica com a atualidade, onde os acontecimentos e produções artísticas são discutidos por intermédio de textos teóricos e vídeos atuais. Tentamos assim uma introdução à história como disciplina criativa e ampla, evidenciando as várias possibilidades de se lidar com o fenômeno histórico, incluindo a sua dimensão subjetiva e cotidiana (micro-história x história oficial de grandes nomes e fatos).

Colocamos agora uma questão metodológica: como estudar ou experimentar essa história? Frequentemente *máquinas de ler* livros de história, propomos aos alunos, dentre outros exercícios, um desafio: uma espécie de pesquisa sem texto escrito, a ser desenvolvida durante todo o semestre, sobre qualquer assunto discutido nas aulas, intitulado “Máquina de ler”. É uma forma de resgatar e imprimir nas discussões da disciplina a micro-história de cada um no que diz respeito ao ato de escolha individual e da interpretação e proposição criativa para reapresentar um tema e sua síntese conceitual.

As “máquinas de ler” pretendem então estimular as predileções pessoais, a **EN - 108 | 114 | 123** habilidade de recriação crítica e a fixação do conhecimento por meio da elaboração de cortes transversais na história. Trata-se de desenvolver um modo pessoal de contar a história ou um fragmento dela através principalmente de imagens novas, num livro-objeto de formato e material coerentes com o tema escolhido.

ar.1  
44

Pesquisando a materialidade do livro - o suporte, a apresentação gráfica e a idéia **EN - 127 | 129 | 145** do livro enquanto objeto dinâmico - os alunos trabalham criativamente os dados, informações e imagens ao construir peças que ampliam o horizonte de significado evidenciando os conceitos de cada época, artista ou temática e contextualizando-os num objeto contemporâneo.

Ao longo de três anos, já relemos os anjos de Paul Klee em fibras de vidro, páginas de arame do Art Nouveau, o Raumplan de Adolf Loos, as analogias de Le Corbusier, o Barroco, o Dadaísmo, a história da arquitetura em aço, Leonardo da Vinci num livro de aço inox reflexivo, os espaços nazistas, “O homem e as máquinas” de Lúcia Santaella e vários outros fragmentos de história não como espectadores passivos, mas como ativos manipuladores desses objetos interativos, cuja narrativa se desenvolve através da função de pôr em jogo essas pequenas máquinas. As “máquinas de ler” pretendem ser objetos pensados e pensantes que, no seu dinamismo tátil, contrapõem-se diretamente ao conhecimento-pacote do pensamento em série.

referências bibliográficas

DOMINGUES, Diana (org.). A arte no século XXI – humanização das novas tecnologias. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

GROPIUS, Walter. Bauhaus: nova arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

SANT'ANNA, Denise B. "Corpo e História". Cadernos de Subjetividade. São Paulo: PUC SP, 1996.

\_. Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001.

SENNETT, Richard. Carne y piedra: el cuerpo y la ciudad en la civilización occidental. Madrid: Alianza Editorial, 1997

VIRILIO, Paul. A máquina de visão. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002.